

LEITÃO & IRMÃO

ENTREVISTA

MEIO: LUX DECO

ENTREVISTADO: Ricardo Preto, Diretor Criativo da Leitão & Irmão

- 1. Assumir a Direção Criativa de uma casa com mais de 200 anos implica um peso simbólico muito forte. O que sentiu no momento em que foi convidado para integrar a Leitão & Irmão e o que mais o motivou a aceitar este desafio?**

O primeiro sentimento foi uma mistura de entusiasmo e responsabilidade. A Leitão & Irmão faz parte da história de Portugal e da memória de muitas pessoas, por isso o convite não é algo que se aceite de forma leviana. O que mais me motivou foi perceber que havia espaço para continuar essa história, não para a mudar radicalmente, mas para a fazer avançar com respeito e sensibilidade. Trabalhar com uma casa assim é um privilégio raro — e também um compromisso muito sério.

- 2. A Leitão & Irmão faz parte da história cultural portuguesa e do imaginário do luxo nacional. Como foi o seu primeiro contacto mais profundo com o arquivo, as oficinas e o legado da marca? Houve algum detalhe, objeto, ou gesto que o tenha marcado particularmente?**

O contacto com as oficinas foi especialmente marcante. Ver o trabalho dos artesãos, o tempo que cada gesto exige, a concentração e o silêncio do fazer manual é algo muito forte. Mais do que um objeto específico, foi essa relação com o tempo que me marcou — perceber que ali nada é apressado e que cada peça carrega horas de atenção e cuidado do verdadeiro luxo.

- 3. Antes de falar de futuro, é inevitável falar de método. Como descreve o seu processo criativo e de que forma ele se adapta a um universo tão específico como o da joalharia?**

O meu processo criativo assenta num método muito claro, o **Método Whitaker**, que começa sempre pelas pessoas. Antes de pensar em formas ou materiais, procuro compreender como as pessoas vivem, o que valorizam, como se relacionam com os objetos e que tipo de emoção procuram neles.

Na joalharia, isso é especialmente importante, porque estamos a falar de peças com um forte valor simbólico e emocional. O método ajuda-me a criar com intenção e clareza — a perceber para quem estamos a desenhar — e depois deixar espaço para o saber-fazer artesanal, a sensibilidade e o tempo fazerem o seu trabalho. É uma base sólida que permite criar com liberdade.

LEITÃO & IRMÃO

4. **O seu percurso cruza moda, retalho de luxo, restauração, curadoria e agora joalharia. De que maneira essa visão multidisciplinar influencia a forma como hoje pensa uma marca e no ato de criar?**

Essa diversidade levou-me a perceber que uma marca é muito mais do que um produto isolado. Através do **Método Whitaker**, aprendi a pensar a criação de forma integrada: o objeto, o espaço, a comunicação e a experiência fazem todos parte do mesmo universo.

Hoje, ao criar, penso sempre na jornada completa — desde o momento em que alguém descobre uma peça até à forma como a usa no seu dia a dia. Essa visão multidisciplinar ajuda-me a garantir coerência, mas também empatia: criar não apenas algo bonito, mas algo que faça sentido na vida real das pessoas.

5. **Ao longo da sua carreira, tem trabalhado sempre com uma forte ideia de coerência — entre produto, espaço e comunicação. O que significa, para si, dirigir criativamente uma marca de forma verdadeiramente integrada?**

Dirigir criativamente uma marca de forma integrada significa pensar em todas as suas dimensões como um único sistema. Através deste método de trabalho, começo sempre por compreender quem é a pessoa que se relaciona com a marca — como vive, o que valoriza e o que procura emocionalmente. A partir daí, tudo deve fazer sentido em conjunto.

O produto, o espaço, a comunicação e a experiência não podem contar histórias diferentes. Quando existe coerência, a marca torna-se clara, próxima e confiável. Para mim, integrar é garantir que cada detalhe — da joia à loja — reforça a mesma ideia e cria uma relação consistente e duradoura com quem a vive.

6. **Muito do seu trabalho revela uma atenção particular ao detalhe, à funcionalidade e à forma como os objetos entram na vida das pessoas. Como imagina a joalharia a ser usada e vivida no quotidiano contemporâneo?**

Imagino a joalharia como algo próximo, que acompanha a vida real. Peças que não ficam guardadas apenas para ocasiões especiais, mas que fazem parte do dia a dia e ganham significado com o uso. A joia deve ser confortável, emocional e pessoal — algo que se escolhe porque faz sentido, não apenas porque é precioso.

LEITÃO & IRMÃO

- 7. As colaborações com artistas fazem parte do ADN da Leitão & Irmão desde o início. Que importância atribui hoje ao diálogo entre joalharia, arte e outras disciplinas criativas e de que forma pode enriquecer a joalharia contemporânea?**

Acredito muito no diálogo entre disciplinas. A joalharia ganha quando conversa com a arte, o design, a arquitetura ou até a tecnologia. Essas trocas trazem novas ideias e novos olhares, sem perder o saber-fazer tradicional. As melhores colaborações são aquelas que acrescentam profundidade e permanecem relevantes ao longo do tempo.

- 8. Depois de vários anos com uma forte presença internacional, regressa agora a um projeto profundamente português. O que significa, para si, trabalhar com o saber-fazer nacional e como vê o lugar de Portugal no luxo atualmente?**

Trabalhar com o saber-fazer português tem um significado muito especial, porque carrega séculos de história, cultura e transmissão de conhecimento. Existe uma enorme qualidade artesanal em Portugal, muito discreta, mas profundamente consistente. Vejo o luxo português como algo autêntico, ligado ao território, ao tempo e às pessoas. Portugal tem hoje todas as condições para afirmar um luxo mais humano, menos ruidoso e mais verdadeiro.

- 9. Está prevista para 2026 a apresentação de uma coleção de joalharia com a sua assinatura. Sem revelar demasiado, quais as intenções, referências ou emoções que gostaria que estivessem presentes nesta primeira coleção na Leitão & Irmão?**

A joalharia obriga-me a abrandar e a reduzir ao essencial. Aqui, o foco está no design, na funcionalidade e na relação íntima entre o objeto e a pessoa que o usa. Uma joia não se escolhe por impulso — cria-se uma ligação com o tempo.

Para esta primeira coleção, quero peças que façam sentido no quotidiano contemporâneo, mas que carreguem o rigor e o saber-fazer da ourivesaria portuguesa. A intenção é criar objetos com presença e significado, que possam ser usados, guardados e transmitidos.

- 10. O seu olhar criativo estende-se muito para além do trabalho. Como é o seu próprio universo pessoal (os espaços que habita, os objetos que escolhe, os lugares que frequenta) e de que forma isso se reflete no que cria?**

Sempre vivi rodeado de beleza. Lembro-me do jardim da minha mãe, da forma como ela se expressava através do seu estilo, das revistas que folheava enquanto se arranjava.

LEITÃO & IRMÃO

Cresci a observar esses gestos e esses detalhes — e acho que, de certa forma, era quase inevitável que a criatividade fizesse parte da minha vida.

Hoje continuo muito ligado aos objetos e aos espaços. Gosto de colecionar design e artesanato e, à medida que fui viajando mais, passei a visitar sempre as feiras locais dos países por onde passo, para conhecer as suas culturas e formas de fazer. Acho o mundo profundamente rico nessa diversidade.

Acredito que todos os seres humanos são, no fundo, criadores. Num mundo ideal, a tecnologia — e até a inteligência artificial — deveria servir exatamente para isso: tratar das tarefas práticas e permitir-nos criar com mais liberdade, sem a constante pressão da sobrevivência. É dessa liberdade criativa que nasce tudo o que realmente importa.

11. Num mundo cada vez mais rápido e saturado de imagens, onde encontra hoje inspiração e equilíbrio? Há rituais, hábitos ou momentos de pausa que considera essenciais?

Encontro equilíbrio na observação e na pausa. Caminhar, viajar sem pressa, estar em contacto com a natureza e com o silêncio são fundamentais. A inspiração não vem sempre de fazer mais, mas muitas vezes de parar e olhar com atenção. Esse tempo é essencial para criar com verdade. Sou uma pessoa religiosa e por isso templos são edifícios muito importantes.

12. O que espera que este novo ciclo na Leitão & Irmão represente, não só para a marca, mas também para si enquanto criador, e que legado gostaria de deixar neste capítulo?

Espero que este ciclo represente continuidade com sentido e que possamos crescer juntos — numa evolução natural, respeitosa e contemporânea da marca. Para já, estou extremamente feliz e confiante na equipa, no diálogo que estamos a construir e na forma como todos partilham esta visão.

Se conseguir deixar uma Leitão & Irmão ainda mais próxima das pessoas, mais clara na sua identidade e fiel à sua história, esse será, para mim, o melhor legado possível.